

cie da cornea estava com effeito muito reduzida, e sua convexidade approximada da conformação normal d'esta membrana.

Em Setembro do mesmo anno o estado da doente continuava a ser o mais lisongeiro. Seu pae, vindo consultar-me ácerca de um estreitamento organico das vias lacrymaes, em um olho, m'o confirmou, manifestando todo o prazer de que se achava possuido, e acrescentando que a doente já apprendia a ler.

Tratando-se de um processo, que não conta ainda grande numero de factos que o acreditam, apesar da immensa authoridade de seu author, entendi que não devia occultar o brilhante resultado obtido na doente operada por mim.

Bahia 12 de Abril de 1870.

Quadro das operações praticadas no mez de Março pelo Dr. José Lourenço de Magalhães.

Ablação da cornea, pelo processo de Critchet, reclamada por uma kerato-irido-choroidite com synechia anterior. O olho doente, que estava privado da vista desde que soffreu aquelle mal, havia 36 annos, foi subitamente accommettido, depois de tão longo periodo, por um novo accesso—de forma glaucomatosa. A doente foi chloroformisada.

Extracção de uma cataracta lenticular, completa, com adherencia inferior, pelo processo de Graefe.

Incisão interna (stricturotomia de Stilling) contra o estreitamento organico das vias lacrymaes, do lado direito, em uma mulher.

Extracção de uma cataracta membranosa, secundaria, que resistio á decisão—duas vezes praticada.

Iridectomia direita em caso de irite plastica com synechia posterior.

A doente foi chloroformisada.

O Sr. Dr. Pacifico ajudou-me n'estas operações, e praticou a chloroformisação das doentes

THERAPEUTICA

CHLORAL

pelo Dr. Pedro Luiz Napoleão Chernoviz.

Dá-se o nome de *chloral* a um liquido anhydro, isto é privado d'agua, que se obtem fazendo passar gaz chloro através do alcool absoluto. É um liquido transparente, sem côr, de aspecto gorduroso, de cheiro penetrante, que irrita os olhos, de sabor oleoso e caustico. Mancha o papel como os oleos gordos, mas as manchas desaparecem em pouco tempo. É muito solúvel em agua, alcool e ether. Sua densidade é de 1,502 a 18 grãos centigrados. Ferve a 94°, e distilla sem experimentar alteração. Pos-

to em contacto com algumas gottas d'agua, combina-se immediatamente com ella pela agitação, com producção de calor. Alguns instantes depois esta combinação apresenta-se sob a forma de massa branca, crystallina: é o *chloral hydrado*, ou *hydrato de chloral*. É este ultimo producto que o Dr. Liebreich, medico de Berlim, acaba de introduzir na therapeutica, como calmante e hypnotico energico. Quanto ao chloral, este liquido foi descoberto em 1833 por Liebig; não se usa em medicina, porém serve para a preparação do hydrato de chloral.

Hydrato de chloral.—Producto que resulta da combinação do chloral com a agua. É uma substancia solida, branca, crystallizada em agulhas prismaticas, duras e friaveis. Seu cheiro, na temperatura ordinaria, assemelha-se um pouco ao do chloroformio e ao do chlorureto de cal; seu sabor, a principio doce, torna-se depois um pouco acre. Exposto ao ar livre, volatiliza-se completamente sem attrahir sensivelmente a humidade; todavia n'uma atmosfera saturada de vapor d'agua, póde transformar-se em liquido. Derrete-se na temperatura de 56 grãos centigrados, e constitue então um liquido incolor, extremamente limpido e muito refrangente. É completamente solúvel em mui pequena quantidade d'agua; é igualmente solúvel no ether, alcool, chloroformio, sulfureto de carbono, na benzina e nos corpos gordos. A solução aquosa é completamente limpida, quasi despida de cheiro, sem nenhuma reacção sobre os papeis reagentes nem sobre a solução de azotato de prata. A solução de hydrato de chloral, mesmo bastante estendida, turva-se immediatamente, a frio, pela addição de algumas gottas de solução aquosa de potassa caustica; ao mesmo tempo desenvolve-se um cheiro mui suave de chloroformio, producto normal d'esta reacção. Comprimidos entre dois papeis sem colla, os crystaes de hydrato de chloral não devem produzir nenhuma mancha. Não se deve deixar esta substancia muito tempo no ar, porque se volatilisa, como a camphora.

Propriedades e usos.—O hydrato de chloral goza propriedades hypnoticas mui energicas. A descoberta d'estas propriedades, com effeito extraordinarias, foi um acontecimento therapeutico o mais saliente do segundo semestre de 1869. O Dr. Liebreich, de Berlim, foi o primeiro como já deixei dito, que assignalou o facto novo, attribuindo ao chloroformio, proveniente da decomposição do chloral na economia, a propriedade maravilhosa d'este agente.

O hydrato de chloral, dissolvido em meio copo d'agua assucarada na dóse de 2 a 5 gram-

mas (40 a 100 grãos), tem o sabor acerbo que mal encobre o assucar com o qual se associa; mas este sabor não é tão desagradavel que possa impedir o emprego do remedio.

Importa ter o hydrato de chloral bem-puro, crystallizado em agulhas; sem o que os efeitos são nullos; e é isso que explica as contradicções publicadas por alguns médicos contra a efficacia do novo agente.

Intrôduzido no estomago, o hydrato de chloral produz ás vezes alguma excitação, semelhante á embriaguez, mas, em geral, ao cabo de vinte minutos determina um profundo somno que dura de 2 ás 4 horas, e que é acompanhado de tal entorpecimento de sensibilidade, que se podem fazer pequenas operações e arrancar os dentes sem dor. Póde-se repetir a dóse no mesmo dia, sem inconveniente e com a mesma vantagem de produzir o somno.

Os doentes não conservam senão a sensibilidade sem o conhecimento intimo; tem só os movimentos reflexos. Quando se lhes dá um beliscão, parecem sentir a impressão, e arredam a mão, mas ao acordarem, não se lembrão da dor que se lhes occasionou. Em alguns, o sentido da dor é tão completamente abolido, que não fazem nenhum movimento nem percebem sensação alguma dolorosa. O arrancamento de dentes, a que alguns se submeteram, prova sufficientemente isto.

Um semelhante resultado é da mais alta importancia em medicina, e será utilizado de todas as maneiras, para tirar os dentes ou para acalmar as dores atrozes da carie dentaria, para adormecer certas nevralgias, para alliviar os crucis soffrimentos da colica hepatica ou nephritica, da gota, e, enfim, para abrandar as dores finaes do parto e das operações obstetricas. Dar algumas horas de profundo somno a quem soffre, tal é a acção d'este novo remedio, e, debaixo d'este ponto de vista, não ha outro igual. Mas estando conservada a sensibilidade cutanea, é impossivel usar d'este somno na pratica da grande cirurgia.

A acção do chloral hydratado é muito diferente da do opio e da do chloroformio, que não substituirá: este, por causa da promptidão, da energia e da fugacidade de seus efeitos, que fazem d'elle o melhor dos anesthesicos quando se tratar de operações chirurgicas; o opio, por causa da sua influencia estimulante seguida do entorpecimento e do somno. Possui contudo sobre o chloroformio a vantagem de se poder indicar a dóse; enquanto que, nas inalações do chloroformio, a dóse dos vapores não póde ser prescripta com exactidão; não se sabe o que se faz, e é isso que os torna perigosos.

A grande vantagem do somno chloral, por

profundo que seja, é de não deixar vestigio nem de fadiga, nem de inappetencia e de peso de cabeça, o que se observa depois do emprego de fortes doses de opio. A este respeito, tem muitas vantagens sobre o succo de dormideiras.

Ha no somno chloral alguma cousa que se parece com o somno da embriaguez alcoolica, é a duração do somno e a insensibilidade que o acompanha.

O somno chloral não tem cousa alguma que inquiete, por que a respiração é pacifica; o pulso, bem que algum tanto frêquente, é mui apreciavel; o rosto conserva a expressão de socego propria a tranquillisar os assistentes. Não se nota no rosto senão alguma lividez, e ainda esta não é constante; observa-se tambem um fraco abaixamento de temperatura, mais apreciavel nas extremidades e nas axillas. A digestão não é quasi nunca perturbada pelo medicamento, o qual não causa nem irritação nem fadiga de estomago, a ponto que se póde impunemente continuar o seu emprego durante muitos dias.

Em dóse conveniente, e administrado por via do estomago ou do recto, o chloral hydratado apresenta muitas vantagens, e até agora não tem mostrado inconvenientes. Como meio curativo foi empregado com bom exito no tetano e na chorea ou dansa de S. Guido. Existe um caso recente de cura de tetano, n'um hospital de Pariz.

Se o hydrato de chloral não é crystallizado, se não se desprendem d'elle vapores de chloroformio, se a sua solução não se turva pela adição de potassa, é sem acção ou póde ser perigoso.

Dóse. Nos adultos, 2 a 5 grammas (40 a 100 grãos) em 150 grammas (5 onças) d'agua adoçada, ou em clyster.

Nas crianças, 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos).

As formas pharmaceuticas do chloral hydratado devem ser simples e frequentemente reformadas, por que podem alterar-se e perder a sua efficacia.

Poção de chloral hydratado.

Chloral hydratado.....	100 grãos
Agua distillada.....	5 onças
Xarope de assucar.....	1 »

Para tomar uma colher, das de sópa, de quarto em quarto d'hora.

Xarope de chloral hydratado.

Chloral hydratado.....	2 oitavas
Xarope de assucar.....	40 »

Misture.—*Dóse:* Uma a cinco colheres de sópa, puro, ou misturado com agua.

Clyster de chloral hydratado.

Chloral hydratado 2 oitavas
 Agua 6 onças
 Misture.

CLINICA CIRURGICA.

LIÇÃO CLINICA FEITA PELO PROFESSOR RICHEL
 SOBRE A IGNIPUNCTURA.

Recolhida por J. R. de Souza Uchôa.

Este distincto cirurgião emprega ha algum tempo com bons resultados um novo methodo de cauterisação ao qual dá o nome *d'ignipunctura*. É sobre tudo nos casos de tumores brancos que temos visto este professor applicar semelhante tratamento. Não tratamos porem, de um curativo especial somente aos tumores brancos, é sim de um methodo therapeutico moderno applicavel a uma multidão de molestias. Eis em que consiste: O cirurgião munido de um cauterio em forma de bola, terminando-se por uma agulha longa e fina e aquecido até a incandescencia, (*rougi a blanc*) nos tecidos doentes, o introduz e retira immediatamente. Diversas picadas semelhantes são feitas durante a mesma sessão. Estas podem ser repetidas no fim de um tempo mais ou menos longo. Quinze ou vinte picadas, feitas em duas sessões, com quinze dias d'intervallo, podem modificar de uma maneira vantajosa o estado de uma arthrite fungosa, de um tumor branco em suppuração. Os cauterios que emprega este cirurgião, e cuja descripção já fizemos em um artigo passado, são armados de uma agulha de platina de 5 a 6 centímetros de comprimento, cuja base tem pouco mais ou menos 3 a 4 millímetros de diametro, e cuja extremidade é pouco mais ou menos romba. As agulhas de ferro não dão bons resultados; ellas são susceptiveis de enferrujar-se, e tem a desvantagem de perder sua rigidez quando aquecidas, e por conseguinte não podem penetrar facilmente nos tecidos. A agulha deve ser parafuzada sobre a bola do cauterio, que tem um centimetro de raio; esta bola é de aço. O cabo do instrumento não apresenta nada de particular.

Supponhamos que se tenha a intenção de applicar a ignipunctura em um tumor branco do joelho. Deve-se em primeiro lugar determinar os pontos sobre os quaes a cauterisação será feita, e marca-los com tinta. Os cauterios, previamente aquecidos, são conduzidos perto do doente. Devem ser collocados tão perto, quanto fôr possível, do membro sobre que se deve operar, pois elles esfriam-se com extrema rapidez. O cirurgião serve-se successivamente dos cauterios, um após outro, cujo

numero deve ser igual ao das picadas que se quizer praticar. A agulha queima e destroe os tecidos diante d'ella, e penetra tão longe quanto se quizer, com grande facilidade. O cirurgião deve ter a mão segura; si elle introduzir o cauterio até o nivel da bola, esta produzira uma queimadura sobre a pelle que é necessario evitar. A agulha não deve penetrar senão nos dois terços de seu comprimento. Esta deve ser retirada como foi introduzida, rapidamente, sem violencia e sem hesitação. Algumas vezes uma gotta de sangue apparece; então a operação é defeituosa. É preciso que agulha escarifique os tecidos em seu trajecto, e que ella deixe a eschara toda inteira na pequena ferida. Si correr sangue, é prova de que a eschara foi arrancada, operou-se então com uma agulha mais ou menos fria; cortou-se e furou-se em vez de queimar; e em vez de produzir-se um trajecto fechado exteriormente por uma pequena eschara, determinou-se a formação de uma ferida contusa, susceptivel de suppurar. As cousas passam-se de uma maneira differente quando a agulha penetra em um foco purulento, em um kysto, em uma cavidade articular. Neste caso o liquido contido na cavidade, se escôa gotta a gotta. Porem no fim de pouco tempo, este escoamento para, e o trajecto cauterisado fecha exactamente.

As consequencias da ignipunctura consideradas em si mesmas são simples. Um pouco de inflammação e de vermelhidão limitadas em um pequeno circulo em roda da ferida; eis tudo que acontece. A dôr, durante e depois da operação, é, por assim dizer, nenhuma.

Quanto ao modo de acção da ignipunctura é facil conceber. Cauterisando-se sobre muitos trajectos lineares, os tecidos doentes, como, por exemplo, as fungosidades de uma arthrite chronica, desenvolve-se em roda de cada trajecto um foco d'inflammação. Esta inflammação sendo de origem traumatica participa da energia, e da evolução rapida das inflammações francas. Ella substitue-se, por assim dizer, á inflammação chronica, que se desenvolve lentamente em torno d'ella; por esta acção substituitiva, modifica poderosamente, sobre uma vasta extensão, a marcha da lesão morbida que é destinada a combater. Esta modificação não ultrapassa certos limites; com effeito, o traumatismo, sendo neste caso circumscripto em um trajecto sub-cutaneo, não pode determinar suppuração.

A escolha dos pontos em que se deve praticar a ignipunctura não é cousa indifferente. É preciso evitar as regiões em que se pode encontrar nervos ou vasos importantes. No cotovello, por exemplo, esta será praticada